

OS DESAFIOS, AS CONTRADIÇÕES E AS POSSIBILIDADES DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES A PARTIR DO VÍDEO “VIDA DE PROFESSORA”

Kelly Chrystine Braga Perdiz
Sylvio Ribeiro Pinel
Soymara Vieira Emilião

Resumo:

Este artigo discute os desafios, as contradições e as possibilidades da docência na Educação Básica brasileira, tomando como ponto de partida as narrativas apresentadas no vídeo *Vida de Professora*. O objetivo central é compreender de que modo às experiências narradas pelas docentes que fazem emergir aspectos fundamentais do trabalho educativo, articulando-as às contribuições teóricas de Alves (2014), Oliveira (2019) e Caminha e Freire (2025). *Epistemometodologicamente*, o estudo configura-se como parte do acervo de uma pesquisa qualitativa de caráter reflexivo, que utiliza o suporte audiovisual como disparador para o diálogo com a prática cotidiana vivida no “chão da escola” e a literatura acadêmica sobre formação docente e as políticas de precarização do trabalho educativo. Os resultados indicam que a docência se constitui através de práticas sociais complexas e por dimensões subjetivas, enquanto hegemonicamente fica reduzido a uma concepção técnica ou associada às ideias de “missão” e “vocação”, o que contribui para a ausência de políticas públicas efetivas e o descaso institucional. A pesquisa problematiza, ainda, o distanciamento entre a formação inicial e as demandas concretas da realidade escolar, evidenciando que situações relacionadas à gestão de conflitos, à inclusão e às múltiplas responsabilidades docentes são abordadas de modo insuficiente nos cursos de licenciatura. Soma-se a esse cenário, a precarização das condições de trabalho, expressa em baixos salários e jornadas intensificadas, que impacta diretamente a saúde emocional dos professores e a qualidade do ensino ofertado. Conclui-se que, apesar do cansaço, da sobrecarga e da invisibilidade, a resistência docente se manifesta por meio da criatividade pedagógica e dos vínculos afetivos estabelecidos com os estudantes. A valorização da docência está ligada a superação de discursos abstratos, demandando políticas educacionais que assegurem condições de trabalho, formação continuada articulada à prática e a participação ativa dos professores nos processos decisórios, como caminho para a construção de uma educação justa, democrática e inclusiva.

Palavras-chave: Docência; Educação Básica; Precarização; Formação de Professores; Relações Afetivas.

Introdução

Ser professor na Educação Básica, no contexto brasileiro contemporâneo, está longe de se restringir ao domínio de conteúdos ou à aplicação de metodologias pedagógicas. Trata-se de uma prática complexa, atravessada por múltiplas dimensões sociais, políticas, afetivas e

históricas, que se materializam no cotidiano escolar e nas trajetórias de vida daqueles que ensinam e aprendem. No chão da escola, o trabalho docente se constrói em meio a tensões permanentes: entre expectativas institucionais e condições reais de trabalho, entre o discurso da valorização e a experiência concreta da precarização, entre o compromisso ético com os estudantes e os limites impostos por um sistema educacional desigual.

Nas últimas décadas, os debates sobre a docência na Educação Básica têm se intensificado, sobretudo em torno de temas como formação inicial e continuada, salários, condições de trabalho e reconhecimento social. Embora o professor figure, nos discursos oficiais, como elemento central para a garantia de uma educação de qualidade, a realidade vivida nas escolas públicas revela um cenário marcado pela sobrecarga de funções, pela responsabilização individual do docente e pela naturalização de carências estruturais. Nesse contexto, o professor é frequentemente colocado como o principal responsável pelos fracassos do sistema educacional, mesmo quando atua em condições adversas, sem apoio institucional e com recursos insuficientes.

Autores como Alves (2014), Oliveira (2019), Caminha e Freire (2025) ajudam a compreender que a docência não se constitui no vazio, nem pode ser pensada de forma isolada. Ensinar é uma prática social viva, produzida historicamente e moldada pelas relações de poder, pelas políticas educacionais e pelas experiências cotidianas que atravessam a escola. O professor não atua sozinho: ele se insere em uma rede de relações que influencia diretamente sua identidade profissional, seu modo de ensinar e, inclusive, seu desejo de permanecer na carreira.

É nesse cenário de contradições que se insere o vídeo *Vida de Professora*, produzido no âmbito do projeto de extensão ConPas-UERJ. O curta dá visibilidade às vozes de docentes da Educação Básica, transformando em narrativa aquilo que muitas vezes permanece silenciado: o cansaço, a frustração, o sentimento de invisibilidade, mas também os afetos, as resistências e as estratégias de reinvenção do trabalho docente. Ao escutar essas professoras, o vídeo rompe com representações idealizadas da docência e evidencia como o cotidiano escolar é atravessado por desafios que ultrapassam o domínio técnico-pedagógico.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo discutir os desafios, as contradições e as possibilidades da docência na Educação Básica brasileira a partir do vídeo *Vida de Professora*, articulando as narrativas apresentadas com contribuições teóricas que discutem a formação docente, as condições de trabalho e a dimensão subjetiva do ensinar. Busca-se compreender como as experiências narradas pelas professoras revelam aspectos centrais da

prática docente e contribuem para uma reflexão crítica sobre a valorização do professor no contexto educacional brasileiro, reconhecendo a docência como uma prática profundamente humana, política e atravessada pelo vivido.

Não dá para olhar para o ensino apenas como uma tarefa técnica ou neutra. Como bem pontua Alves (2014), à docência constitui-se como uma prática social viva, produzida historicamente e atravessada por disputas políticas e relações de poder. Nesse sentido, o trabalho docente não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve dimensões subjetivas e éticas que atravessam o processo educativo.

“O trabalho docente é profundamente marcado pela dimensão subjetiva, uma vez que ensinar implica envolvimento afetivo, compromisso ético e construção de vínculos. O professor não atua apenas com conteúdos, mas com sujeitos históricos, cujas trajetórias, emoções e experiências atravessam o processo educativo. Desconsiderar essa dimensão significa reduzir a docência a uma prática técnica, esvaziada de sentido humano e social.”
(ALVES, 2014, p. 142)

No cotidiano escolar, a escola reflete as contradições da própria sociedade, colocando o professor no centro de tensões permanentes entre as expectativas que lhe são atribuídas e as condições concretas de trabalho que lhe são oferecidas. A trajetória histórica da docência no Brasil, marcada pela presença majoritária de mulheres, por salários baixos e por um reconhecimento social que frequentemente se limita ao discurso, contribuiu para a consolidação de uma concepção da profissão associada às ideias de “missão” ou “vocação”. Tal concepção, ainda presente no imaginário social, desloca para o esforço individual do docente a responsabilidade por suprir as ausências estruturais do sistema educacional, naturalizando o descaso institucional.

Alves (2014) chama atenção para o fato de que o trabalho do professor não se encerra com o término das aulas. Existe uma jornada invisível feita de planejamentos, correções, reuniões e pilhas de relatórios, além do atendimento às famílias e de todas as exigências burocráticas que brotam no dia a dia. É um acúmulo de funções que vai sufocando o tempo livre e, por ser silencioso, acaba desgastando o corpo e a mente sem que ninguém perceba de fora.

No vídeo *Vida de Professora*, essa dimensão histórica e política da docência deixa de ocupar apenas o campo da teoria e se expressa nas narrativas das docentes, que evidenciam a sobrecarga de trabalho e o sentimento recorrente de invisibilidade no interior das próprias instituições escolares. Os depoimentos revelam, ainda, a internalização de uma lógica de culpabilização individual, na qual as professoras se sentem responsáveis pelo desempenho dos alunos mesmo quando enfrentam a escassez de recursos, as desigualdades sociais e a ausência de suporte efetivo por parte do poder público.

Não é possível compreender a prática pedagógica sem considerar os processos de formação docente. No entanto, Oliveira (2019) chama atenção para um problema recorrente na formação inicial: a dificuldade das licenciaturas em preparar o futuro professor para a complexidade da realidade escolar. Em muitos casos, os conteúdos trabalhados na universidade permanecem distanciados das demandas concretas do cotidiano da escola, o que produz uma ruptura entre a formação teórica e a prática docente.

“A formação inicial não dá conta da complexidade do trabalho docente, pois muitas das situações enfrentadas no cotidiano escolar só se revelam na prática. É no exercício da docência que o professor constrói saberes profissionais, articulando conhecimentos teóricos com os desafios concretos da sala de aula, em um movimento contínuo de reflexão e ressignificação da prática pedagógica.” (OLIVEIRA, 2019, p. 109)

Como consequência desse distanciamento, muitos professores ingressam na sala de aula munidos de referenciais teóricos, mas sem o suporte necessário para enfrentar situações complexas que emergem cotidianamente no espaço escolar. As narrativas presentes no vídeo *Vida de Professora* evidenciam esse abismo entre teoria e prática ao revelarem que desafios relacionados à gestão de conflitos, à violência escolar, à inclusão de estudantes com necessidades específicas e à relação com as famílias raramente foram abordados de forma consistente durante a graduação. Para as docentes, emerge o sentimento de que o preparo oferecido pela formação inicial não contemplou as exigências reais do exercício profissional.

Nesse sentido, Oliveira (2019) defende que a docência não é um saber pronto, adquirido exclusivamente na universidade, mas um processo contínuo de construção que se desenvolve ao longo da trajetória profissional. Os saberes docentes constituem-se, assim, na articulação entre os conhecimentos teóricos e a experiência vivida no cotidiano escolar, nas interações com os estudantes e nas situações concretas enfrentadas em sala de aula. Contudo,

esse saber prático, fundamental para a prática pedagógica, permanece pouco reconhecido e valorizado nas políticas educacionais e nos modelos de formação docente, o que contribui para a insegurança profissional e para o sentimento de desamparo, especialmente entre professores em início de carreira.

Quando o saber prático é deixado de lado, o que sobra para o professor especialmente para quem está começando é uma insegurança constante e a sensação de que ele não está à altura do desafio. No vídeo, as professoras Vânia Reis e Sandra Zarattini nos mostram que a saída para esse medo está no outro: a troca de experiências entre colegas surge como algo necessário para seguir em frente. Isso prova que ninguém se torna professor sozinho; a nossa formação ganha força de verdade no coletivo, no apoio mútuo dentro da escola. Como, “estar disposta e disponível para eles e aprender junto com eles, isso é a construção do conhecimento. É ser sujeito da aprendizagem. Nós professores estamos aprendendo junto com os alunos e realizando esse saber” Dito por Vânia Reis e “o título do meu livro seria aprendendo com os aprendizes” dito por Sandra Zarattini. As suas falas reforçam essa premissa do saber coletivo, que o aprendizado se dá através do coletivo.

A formação continuada assume papel central na construção da identidade docente e no aprimoramento da prática pedagógica. Segundo Oliveira (2019), a formação continuada deve estar articulada às necessidades reais dos professores, considerando o contexto em que atuam e os desafios específicos enfrentados no cotidiano escolar. O problema é que muitas dessas capacitações são feitas sem ouvir quem está lá na ponta. No vídeo Vida de Professora, as docentes deixam claro que as formações oferecidas pelos governos muitas vezes não “conversam” com o que elas vivem na sala de aula. É uma realidade frustrante, enquanto elas buscam soluções para problemas reais, recebem teorias distantes que parecem ter sido feitas para uma escola que só existe no papel.

Ser professor, como destaca Alves (2014), é algo que se constrói no dia a dia, nas trocas que acontecem dentro da escola e no respeito que a sociedade demonstra pela profissão. Quando o docente encontra espaço para conversar, refletir sobre o seu fazer e se sentir valorizado, ele se fortalece e ganha novo fôlego para educar. Mas, quando esses espaços não existem, o que sobra é o cansaço e a sensação de que o vínculo com a carreira está se quebrando aos poucos.

As condições de trabalho são, talvez, o ponto mais sensível da vida escolar. Caminha e Freire (2025) nos ajudam a entender que a falta de estrutura não é por acaso; ela é fruto de políticas que cortam investimentos públicos e tornam os contratos mais frágeis.

“A precarização do trabalho docente expressa-se na intensificação das jornadas, na multiplicidade de funções atribuídas aos professores, na insuficiência de recursos materiais e na fragilização das condições de trabalho. Esse cenário produz impactos diretos sobre a saúde física e emocional dos docentes, além de comprometer a qualidade do ensino oferecido à população.” (CAMINHA & FREIRE 2025, p. 901)

Para o professor, o resultado é uma conta que não fecha: menos apoio, menos direitos e uma carga de responsabilidade que só aumenta, como se o docente tivesse que carregar o sistema inteiro nas costas.

A precariedade que envolve a docência desde o contracheque até o teto da escola aparece com força nos depoimentos do curta. Mais do que apontar falhas, as professoras narram como a falta de apoio institucional e o acúmulo de funções acabam sufocando o trabalho pedagógico. É um desabafo sobre a dor de querer ensinar com excelência em um sistema que oferece pouco suporte e exige além do limite humano.

O trabalho na sala de aula não se resume a conteúdos; ele pulsa através das relações humanas. Alves (2014) nos lembra que a docência tem uma face subjetiva e afetiva que é o coração do ensino. Ser professor exige muito mais do que técnica, exige estar inteiro emocionalmente, praticando a empatia e a sensibilidade necessárias para mediar os encontros que acontecem na escola.

O vídeo Vida de Professora coloca um espelho diante dessa realidade ao mostrar que o coração do docente vive em um eterno contraste. As professoras não escondem o cansaço e a dor de não serem valorizadas, mas, ao mesmo tempo, seus olhos brilham ao falar do progresso de um aluno ou do laço que criaram com a turma. Essa mistura de sentimentos mostra que a identidade de quem ensina é complexa, o afeto é, muitas vezes, o que mantém o professor de pé mesmo quando o sistema o empurra para baixo. Nas narrativas, fica claro que a relação entre quem ensina e quem aprende é o que sustenta tudo, especialmente onde a vida é mais difícil. O afeto aparece aqui não como um detalhe, mas como a própria base para que o

ensino aconteça. Isso nos mostra que ser professor vai muito além de dominar técnicas ou conteúdos; é, antes de tudo, saber construir pontes de confiança e cuidado.

Mesmo com tantos obstáculos, o vídeo revela que as professoras não se dão por vencidas. O que vemos são verdadeiras lições de criatividade e resistência: elas adaptam métodos, inventam recursos do nada e se unem para criar novas formas de ensinar. É a prova de que, mesmo diante das maiores dificuldades, o professor encontra um jeito de se reinventar e fazer a educação acontecer.

Como destaca Oliveira (2019), essas novas formas de ensinar não nascem por acaso; elas surgem da urgência de dar uma resposta real aos alunos, mesmo quando as condições de trabalho são precárias. Ao criar essas saídas criativas, o professor mostra que não é um mero cumpridor de ordens, mas o verdadeiro protagonista do aprendizado, reafirmando sua força e sua identidade dentro da escola.

Tudo o que foi discutido aqui, unindo as vozes do vídeo Vida de Professora às ideias de Alves (2014), Oliveira (2019), Caminha e Freire (2025), deixam claro que ensinar na educação básica brasileira é um desafio gigante e cheio de camadas. Ser professor hoje está longe de ser apenas dominar técnicas; é uma prática social e política, moldada pela nossa história e por uma série de pressões que definem, a cada dia, como o professor consegue trabalhar e qual a qualidade do ensino que chega aos alunos. Essas histórias mostram que os desafios enfrentados nas escolas são o resultado de um sistema que historicamente ignora a importância do professor. Ao unirmos esses desabafos às análises de Caminha e Freire (2025), percebemos uma realidade dura: a precarização adoece o profissional e, ao mesmo tempo, cria uma barreira para o ensino. Não dá para falar em educação de qualidade sem oferecer condições dignas para quem está à frente da sala de aula. Essas trajetórias revelam que os obstáculos vividos dentro da escola não são acidentes, mas o reflexo de um sistema que, ao longo do tempo, decidiu ignorar o valor de quem ensina. Quando conectamos esses desabafos aos estudos de Caminha e Freire (2025), a realidade se impõe: a falta de estrutura e apoio adoece o professor e levanta muros que impedem o aprendizado. Falar em qualidade na educação sem garantir dignidade para quem está no dia a dia da sala de aula é, infelizmente, um discurso vazio.

A face mais sensível do ensino, aquela que Alves (2014) chama de dimensão afetiva, foi um dos pontos mais fortes desta análise. Ser professor exige uma entrega emocional

imensa, onde a alegria de ver o aluno crescer se mistura ao cansaço e à frustração de um sistema precário. Olhar para o professor como alguém que sente, e não apenas como um executor de tarefas, é o primeiro passo para criarmos políticas que respeitem a sua humanidade e os seus direitos.

Tudo o que foi analisado nos leva a uma certeza: valorizar quem ensina exige muito mais do que intenções no papel. Precisamos de ações que cheguem à sala de aula, desde o investimento na estrutura e salários dignos até formações que façam sentido no dia a dia. Mais do que isso, é urgente que a sociedade e o Estado voltem a enxergar o professor, abrindo espaços reais para que ele seja ouvido e participe das decisões que moldam o futuro das nossas escolas.

Espera-se que as reflexões deste artigo ajudem a levar adiante o debate sobre o que significa ser professor no Brasil hoje. Ao unirmos a teoria acadêmica às vozes reais das salas de aula, reafirmamos que a docência é a base para uma educação que seja, de fato, para todos. Que esse trabalho sirva como um lembrete de que valorizar o professor não é apenas uma escolha política, mas o único caminho para construirmos uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Referências

ALVES, Maria das Graças. *O trabalho docente na contemporaneidade: fundamentos e desafios*. São Paulo: Cortez, 2014.

CAMINHA, Raul Vasconcelos; FREIRE, Miriam Espíndula dos Santos. Precarização do trabalho docente: neoliberalismo e desvalorização. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 11, n. 8, p. 887–910, 2025.

OLIVEIRA, Flávio. *Formação docente e saberes da prática*. Campinas: Papirus, 2019.

CONPAS UERJ. *Vida de professora* https://youtu.be/_92gRxIEYtE?si=VjIOhZ86AdtBhq8F. YouTube, 2025.